

ENSAIOS E ESTUDOS
DE
PHILOSOPHIA E CRITICA

POR
TOBIAS BARRETTO DE MENEZES

Lente cathedratico da

FACULDADE DE DIREITO DO RECIFE

2.^a edição correcta e augmentada

Flaviano da Silveira Andrade

Bahia, 9 de Novembro de 1896.

PERNAMBUCO

—
EDITOR

JOSÉ NOGUEIRA DE SOUZA,

—
1889

INDICE

	<i>Pags.</i>
I. A sciencia da alma, ainda e sempre contestada.	1
II. Sobre um escripto de A. Herculano	47
III. Auerbach e Victor Hugo	91
IV. Socialismo em litteratura	113
V. Uma excursão de dilettante pelo dominio da sciencia biblica	121
VI. Sobre David Strauss.	152
VII. Misérias do imperio e sua cõrte .	161
VIII. O principe de Bismarck e o visconde do Rio-Branco	167
IX. A ultima carta de Victor Hugo ao congresso de Genebra	172
X. A Musa da felicidade.	177
XI. As flôres perante a industria . .	183

PROLOGO

Os *Ensaio e Estudos de Philosophia e Critica* foram publicados pela primeira vez em 1875. O livro ficou, marcando uma nova era para as letras brasileiras; o seu auctor foi adiante, publicando depois os *Menores e Loucos*, os *Estudos Allemães*, os *Ligeiros traços de litteratura comparada*, as *Questões Vigentes*.

Hoje apparecem novamente os *Ensaio e Estudos*, não por volupia de vaidade, mas como precioso documento do nosso desenvolvimento intellectual.

Verá o leitor que o primeiro livro de Tobias Barretto não é uma Atlantida, que sumio-se com os annos como tantos livros, cuja instantaneidade de successo está na razão directa do febril enthusiasmo por elles provocado no momento, em que apparecem; verá que os *Ensaio e Estudos* perduram como manifestações de um espirito superior, que no dominio da critica não se alimenta somente das faltas dos contemporaneos, mas que sabe forçar as portas do futuro, elevando-se a essas alturas do pensamento, onde respira-se sempre um tão delicioso perfume de vitalidade.

Além dos estudos sobre *A sciencia da alma*, *Um escripto de A. Herculano*, *Auerbach e V. Hugo*, *Socialismo em litteratura*, *Uma excursão de dilettante pelo dominio da sciencia biblica* e *A musa da felicidade*, os *Ensaio* contêm presentemente mais os seguintes artigos: *Sobre David Strauss* e *A ultima carta de Victor Hugo ao*

congresso de Genebra, publicados em 1874 no *Signal dos Tempos*, *Miserias do imperio e sua côrte* e *O principe de Bismark e o visconde do Rio-Branco*, dados á luz em 1875, na *Comarca da Escada*, *As flôres perante a industria*, edictado em 1883 pelo *Industrial*.

Todos estes trabalhos apparentemente sem ligação entre si, publicados em jornaes e revistas diferentes, acham-se ligados uns aos outros, apesar da diversidade dos assumptos, pelas qualidades personalissimas do auctor, pela penetração do pensamento, pela franqueza brutal da critica, pelo encanto da forma impeccavel e, sobretudo, por essa mechanic de espirito, que domina todos os seus trabalhos e faz com que Tobias Barretto no meio de todos os seus odios e sympathias, de todas as suas repugnancias e preferencias, não se pareça senão consigo mesmo.

A segunda edicção dos *Ensaio e Estudos de Philosophia e Critica* vai ser um precioso documento para a historia da nossa litteratura como medida do nosso desenvolvimento intellectual.

« Um livro é, como já disse alguém, mais do que a obra de um homem, é a leitura de muitos. »

ARTHUR ORLANDO.

ENSAIOS E ESTUDOS

DE

PHILOSOPHIA E CRITICA

I

A sciencia da alma, ainda e sempre contestada.

E' visivel o torpor, e poderia dizer— a inanição completa do velho espiritalismo cartesiano-catholico. Negal-o!?... Só por effeito de fatua ligeireza, ou de cêga rebeldia contra a soberana autoridade dos factos. As doutrinas de Cousin e Jouffroy estão exhaustas. As ultimas producções dos pensadores, filiados nessa escola, são de uma extrema e lastimavel fraqueza. (1)

Não ha mistér de largo esforço, nem de medir com a vista todo o horisonte do mundo philosophico, para pôr esta verdade á salvo de qualquer duvida. Basta por ora limitar-me á França, com alguns de seus philosophos, nos tempos derradeiros. Diante de uma vasta litteratura, o que ha de mais difficil, é o trabalho da escolha.

Eu abro casualmente o livro, abaixo mencionado, e leio n'elle um artigo interessante sobre o estado actual da psychologia, seu methodo e seus resultados; o que tudo somma uma defeza em regra dos direitos da alma humana. E bem que nesse escripto não se achem resumidas, christallisadas, todas as razões e allegações habituaes, comtudo

(1) *La science de l'Invisible...* par Charles Levêque.

elle ministra uma excellente occasião, para tomar-se o pulso do systema decahido.

A mesma sinceridade que o caracteriza, equivale a um desnudamento do corpo cadaverico de pobres theorias, cuja terminação se me antolha inevitavel. Se ahi nem sempre deixa-se admirar o philosopho seguro em suas ideias, nunca desaparece o homem convencido, a intelligencia vivida e luminosa.

Qualquer porém que seja a sympathia conquistada pelo talento do autor, eu não vejo, — e sinto dizel-o, — não vejo que a sua causa possa contar uma victoria de mais. Não é a sciencia, o que falta ao notavel escriptor, — é simplesmente a razão.

Quem negaria á Levêque as bellas qualidades de um grande e elevado espirito? Entretanto as suas armas se mostram impotentes ante a força superior de uma sciencia mais desembaraçada e livre dos prejuizos em voga.

O espiritualismo ha de ainda, longo tempo, achar echo no fundo obscuro da ignorancia geral. Não é menos exacto que a philosophia corre o risco de tornar-se uma cousa pouco séria e indigna de attenção, se persiste em suscitar e resolver do mesmo modo as questões do costume.

I

O autor do escripto que nos vae occupar, é um dos órgãos eminentes da philosophia franceza. Discipulo de uma escola, que defende e representa as tradições cartesianas, Levêque está convencido do triumpho completo desse systema.

E' para vêr o modo sobranceiro, por que elle se pronuncia. A crêr-se em sua palavra, a doutrina espiritualista offerece todos os caracteres de força e vivacidade: — tem resistido aos seus adversarios; tem sido fecunda em produzir pensadores e obras importantes.

Mas bem me quer parecer que o autor se paga

de uma illusão. Releva, antes de tudo, advertir que o espiritalismo francez deste seculo não começou resistindo, porém combatendo. O que interessa mostrar, não é, se elle deixou de ceder o passo a qualquer adversario ; mas se de feito poude rechacal-o do terreno já occupado.

Em outros termos, e para exprimir tudo de uma vez, é sabido que Cousin dedicou esplendidas licções á refutação dos systemas que se lhe oppunham. Sabe-se ainda que todos os seus discipulos sempre pugnaram com igual empenho, em pról da mesma causa. Taes são os factos ; o que provam elles ? Quasi nada. O sensualismo deu-se por acabado ? O materialismo convenceu-se de absurdo, e tomou silencioso a direcção do olvido ? Onde pois os titulos de gloria dessa philosophia, que se diz a salvadora do genero humano ?

O que Levêque chama fecundidade, bem se poderia chamar impertinencia. Em rigor, o espiritalismo não é uma doutrina fecunda ; — é uma doutrina facil. Isto explica a sua abundancia e riqueza de productos. Os pensadores e as obras que surgiram nos ultimos cincoenta annos, na patria de Descartes, são de um alcance muito limitado. O numero é prodigioso ; mas o fundo é quasi nullo e insignificante.

Não cessaram de gyrar no circulo estreito do senso commum, proclamado, parvamente, juiz ir-recursivo em materia philosophica. Tambem não me parece prova de vigor e iberdade, sancconar os preconceitos correntes, em nome da logica, mal empregada, e da razão, mal definida.

Não quero porém insinuar que se negue o merito real de certas paginas, unicas proveitosas, que se encontram nos livros da celebre escola. Pelo contrario : se alguma cousa me peza, é o vêr-me obrigado no interesse da verdade, ou do que tenho por tal, a ser severo com aquelles, em cujas obras pude haurir, pelo menos, a paixão deste genero de estudo.

II

Quaes são presentemente os dados innegaveis da sciencia da alma? Eis ahi uma questão simplissima, que sendo entretanto sériamente resolvida, poria á descoberto as pretensões infundadas da escola espiritualista.

Com effeito, é para admirar phenomeno tão estranho: — desde Socrates até os nossos dias, a consciencia humana tem sido interpellada, e todavia as suas respostas ainda não enchem meia folha de verdades. Não basta reconhecer e allegar a existencia dos factos internos. Eu creio que ninguem os contesta, como taes. Elles fazem parte da vida; — elles são a vida mesma.

Quem foi que já sustentou que o homem não *sente*, não *quer*, não *pensa*?... A questão acha-se longe e muito longe desse ponto.

Levêque deu-se o trabalho de repetir, por sua vez, que a psychologia é possível, porque ella occupa-se de factos evidentes, posto que distinctos dos factos sensiveis. E' um defeito habitual a todo espiritualista, o de julgar-se obrigado á não discutir assumpto philosophico, sem uma introduccção de ideias muito vulgares, que não trazem luz para o debate.

Ha indícios de que o nosso autor não pegou o problema n'aquella altura, em que o collocaram as escolas critica e positiva.

O methodo applicavel a qualquer sciencia, incumbida de estudar e explicar uma ordem de phenomenos, se resume em duas operações: — observar e induzir. Os factos da vida interna podem ser observados, de um modo capaz de fornecer materia scientifica? Para os que affirmam, não ha difficuldade em provar que a consciencia nos dá o conhecimento do mundo interior, da mesma forma que os sentidos nos franqueiam os dominios do mundo

externo. O que em ultima analyse quer dizer somente que a consciencia é a consciencia. Mas isto é pouco.

Resta sempre a saber, se quando o homem se volve sobre si mesmo, para observar-se pensando, encontra realmente o que procura. Carrega-se de sombra o aspecto da cousa, desde que, no exercicio da observação interna, não é só o testemunho da consciencia que se invoca, mas tambem o da memoria. De ordinario, os psychologos deixam de lado o que diz respeito a esta faculdade, quando fallam do instrumento de suas analyses. Entretanto, é á ella que pertence a maior parte da empreza psychologica.

Eu me explico. Para melhor conseguil-o, vou suppor que pela primeira vez tento hoje entrar no fundo de minha vida intima. Lá chego; a quem me dirijo? A consciencia me affirma que, nesta hora, eu medito para escrever; que sou eu mesmo que manejo uma penna; que tenho sensações, percepções de varios objectos; que sinto-me vivendo, querendo, praticando um acto proprio... tudo isto agora, no correr de um rapido instante... E' dizer já muito; — mas nada importaria, se não fosse o auxilio da memoria.

Por que meio saberia que sou capaz de sentir dôres e prazeres de diversas ordens; e que tenho outras faculdades, nenhuma das quaes, presente-mente, se acha em exercicio? O senso intimo, em si mesmo, é semelhante a um bello céu do sol-posto, olhado de repente: vêem-se apenas umas quatro estrellas. Porém o numero augmenta, á proporção que melhor se encára, e após instantes fulguram aos milhões. Tal é o espectaculo dos factos subjectivos, que a memoria traz á tona do lago interior.

Mas ninguem poderia assegurar que ella os revoque inteiramente, com todos os seus primitivos caracteres. Não é tudo. A exacta observação dos phenomenos psychicos tem ainda de adverso uma outra circumstancia. O mister da memoria não é

mais que repetir na consciencia a noção de qualquer factó espirital.

Temos pois o acto simplesmente mnemonico, suscitando o acto de percepção interna, relativo a um terceiro acto, que é o phenomeno estudado.

Sobram razões para desconfiar-se deste processo de tres grãos.

Dir-se-ha talvez que se pode de novo recorrer á observação immediata, reproduzindo o factó que se pretende estudar. E' este um dos mais cegos enganos, em que labora a psychologia espiritalista. Ella deixa-se influir demasiado pela futil pretensão de tambem se basear na experiencia; quando é isso justamente o que lhe falta, e sempre faltar-lhe-ha, para dar aos seus achados uma sancção valiosa.

A experiencia, — todos sabem —, tem por fim verificar que os phenomenos existem, — sim ou não —, taes e quaes nos apparecem. As sciencias physicas põem a seu serviço os órgãos dos sentidos; sendo que ainda se lhes achegam aparelhos especiaes. Desta vantagem não goza a psychologia.

Por mais que digam os descendentes de Descartes, a consciencia não póde dar a ultima palavra sobre o que realmente se passa no fundo da vida moral.

Não affirmarei, com Augusto Comte, que a posteridade fará da psychologia um assumpto de comedia. O que nada teria de estranhavel; — visto como, depois de Aristophanes, já déra Molière a prova de que tambem na scena se fustigam as tôlices dos philosophos.

Porém ha serios motivos de lançar em duvida a efficacia do meio empregado, para o homem conhecer-se de um modo objectivo e scientifico. E' facil ao physico, embebido no estudo do mundo corporeo, assegurar-se de uma lei, por força de experimentos que varrem-lhe do espirito a mais ligeira nuvem de hesitação. Elle tem ante os seus olhos diversas series de cousas; as quaes são o

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

